A HISTÓRIA DA CULTURA SEGUNDO TOYNBEE, TILLICH, HEGEL E MARX

> *O judaísmo atinge seu apogeu com a consagração da sociedade burguesa; mas a sociedade burguesa só alcança a consagração no mundo cristão.*
> ...
> *O cristianismo brotou do judaísmo. E tornou a dissolver-se nele. O cristão foi, desde o primeiro instante, o judeu teórico; o judeu é, portanto, o cristão prático e o cristão prático se fez novamente judeu.*
> **Karl Marx**. A Questão Judaica.

A história da cultura aqui representada apenas pelas sucessão de suas culturas **nodais** (figura 1, à esquerda) ([1]) não difere assim tão extraordinariamente de outras conspícuas e bem conhecidas concepções. Pela razão óbvia de termos adotado uma concepção hiperdialética, portanto, de generalidade extrema, é mais do que natural que, quando se lhe comparadas, outras concepções do processo histórico apareçam como meras simplificações, casos particulares ou modelos reduzidos. E quando algum autor se declara adepto e de fato se utiliza de uma concepção lógica explícita, como é o caso de Hegel e Marx (lógico-dialética), então, a simplificação a que aludimos se torna imediatamente visível, como teremos oportunidade de adiante constatar.

Para facilitar comparações, nós mesmos nos serviremos de uma representação geométrica trinitária (sucessão de formas triangulares) e não, como seria conseqüente e mais funcional, de uma representação propriamente lógico-qüinqüitária, na qual a forma piramidal (hiperdialética) apareceria subsumindo as formas triangulares (dialéticas) ([2]).

Inicialmente examinaremos as concepções de Toynbee e Tillich, nos seus resultados, bastante próximas da nossa. O primeiro, toma as civilizações como os reais sujeitos do processo histórico e adota uma

concepção que poderíamos denominar organicismo mitigado ([3]). Neste, cada civilização tem de fato o seu próprio ciclo de vida, porém, isto não a obriga necessariamente a percorrer uma seqüência de fases pré-fixadas; ademais, ela pode sempre alongar sua existência à proporção que consiga dar respostas adequadas e eficientes aos desafios contingentes com que se venha defrontar. Ao final de sua vida intelectual Toynbee delineou uma filosofia da história na qual se alternariam culturas de caráter ora materialista, ora espiritualista. Estas últimas teriam implicitamente o comando global do processo que seguiria uma tendência ascendente, expressa por uma religiosidade cada vez mais abstrata (espiritual) e de âmbito mais universal. Comparando-as – a nossa proposta hiperdialética e a "filosofia da história" de Toynbee –, constatamos que a última não é mais do que uma versão simplificada (lógico-trinitária) e, ainda por cima, não suficientemente nítida, da primeira, bastando, para comprová-lo, que se proceda à mais ou menos óbvia identificação do ser logico-diferencial (D) com o caráter materialista, e, do ser lógico-identitário (I) com o caráter espiritualista.

Paul Tillich, o preclaro teólogo alemão, depois da Segunda Grande Guerra emigrado para os EUA, trabalha diretamente com as culturas e adota uma concepção também implicitamente dialética do processo histórico. Aqui, entretanto, o "motor" da história não é o desafio contingente *versus* resposta, como em Toynbee, mas um *a priori* constitutivo da própria mente humana – temporalidade, espacialidade e a luta pelo predomínio em que estão permanentemente empenhadas:

> *L'âme humaine et l'histoire humaine sont dans une large mesure déterminées par* ***la lutte entre l'espace et le temps.*** [negritos nossos.([4])

O papel que a tensão tempo/espaço exerce é, de fato, de importância primordial na estruturação da mente humana e acaba por isso se refletindo no próprio processo de sua objetivação simbólica coletiva, vale dizer, nas formações culturais históricas. Outro grade filósofo alemão da cultura, Ernst Cassirer, também vem chamar a nossa atenção quanto à importância da análise das experiências de tempo e espaço para a compreensão, em profundidade, da problemática antropológica:

> *Descrever e analisar o caráter específico que o* ***espaço*** *e o* ***tempo*** *assumem na experiência humana é uma das tarefas mais atraentes e importantes de uma filosofia antropológica.* [n.n.] ([5])

Ao percorrermos a lista das culturas que Tillich aponta como comprometidas com o tempo, constatamos, aliás, como não poderia deixar mesmo de ser, que elas coincidem exatamente com o que caracterizamos como culturas lógico-identitárias (família I), tendo-se aí a cultura judaica por seu ilustre paradigma:

> *Le peuple juif est comme aucun autre nation le* ***peuple du temps****. Il représente la lutte permanente que se livret depuis toujours l'espace et le temps.* ([6]) (n.n.)

As culturas do espaço, grega e moderna vão ser então identificadas como lógico-diferenciais (família D).

Aqui, como em Toynbee, a torcida é para um dos lados, lá, pelas culturas espirituais, aqui, pelas culturas do tempo; em suma, sempre para o mesmo lado:

> *Ce n'est que dans l'homme que le* ***victoire finale du temps*** *devient possible. Car l'homme est capable d'agir en vue d'une fin située par-delá sa propre mort.* (n.n.)([7])

Depois disto tudo só nos resta afirmar que a concepção do processo histórico em Tillich pode ser também considerada como tão apenas uma versão simplificada da nossa proposta hiperdialética.

Os casos mais interessantes vão ser os de Hegel e Marx, ambos declaradamente lógico-dialéticos. O último diz adotar uma versão materialista da dialética, enquanto que o primeiro, adota uma versão especulativa (preferimos a denominação especulativa à idealista, mais usual, mas que a nosso ver deturpa a intenção hegeliana). Estas duas concepções da história são sobremaneira interessantes na medida em que não são apenas simplificações ou reduções, mas porque constituem, também, verdadeiras deformações da concepção hiperdialética, cada uma a seu modo, e o que é mais curioso, cada uma com seu específico e dissimulado propósito.

Para melhor compreendermos como foi possível a deformação conceitual cometida por Hegel devemos atentar, em primeiro lugar, para o seu radical apego à coerência lógica (dialética). Admitido o caráter dialético da história, ele se vê obrigado a afirmar coerentemente que tal processo deva conduzir ao desvelamento de um ser lógico-dialético e não outro tipo qualquer de realidade (8). Ora, se o processo histórico ainda se encontra em aberto, sua meta tem que ser a auto-realização do espírito como espírito absoluto – o perfeito e acabado ser lógico-trinitário (I/D). Esta deve ser, portanto, a destinação da cultura alemã. Sua expressão política, o Estado prussiano, se afigurando então como a realização/institucionalização deste mesmo ser lógico-trinitário! Espantoso!

Em segundo lugar, Hegel, por razões "psico-sociais" (9), precisa demonstrar a todo custo que a cultura judaica pertence à família das culturas D-iabólicas, ou seja, lógico-D-iferenciais. Ele produz esta

"demonstração" valendo-se exatamente da passagem bíblica referente à adoração do bezerro de ouro que, no plano simbólico, assinala a passagem do analógico ao plenamente convencional. Ela também representa, com muita precisão, o trânsito das culturas ecológicas (inicialmente identitária, depois diferencial, ambas ainda referidas à Natureza) em direção às culturas propriamente lógicas. Tal passagem se confirma com o episódio da auto-definição essencialmente lógica de Deus respondendo à indagação de Moisés: *Eu sou o que sou* (ou *serei*). Hegel toma estes episódios como significantes da ruptura dos vínculos do homem com a Natureza, com o telúrico vigor que afinal o engendrara. Os judeus são desta sorte deslocados de sua real posição lógico-identitária (I) para a posição lógico-diferencial arcaica (pré-D), portanto, passíveis da acusação de terem instaurado um pérfido dualismo, uma concepção abstrata e alienada da essência humana (figura 1, à direita).([10])

Com o "rebaixamento" da cultura judaica, pode-se então trazer a cultura grega para o seu indevido lugar; esta deixa consequentemente de ser, por excelência, a cultura trágica ou prometéica (D) para ressurgir como cultura filosófica (I), os primeiros e mais dedicados amigos do ser ([11]). Não percebeu Hegel que grego, na filosofia, é o lugar de onde se pergunta pelo ser (distanciamento D) e não o do ser desejado (I). Uma cultura realmente da identidade (I) produz profetas e não filósofos, como ele equivocadamente pensava.

Valendo-se da mesma artimanha, Hegel pôde deslocar a cultura cristã trinitária da posição I/D para D. O essencial no cristianismo não é mais o Deus Uno-Trino, mas o dualismo corpo/alma. Um absurdo completo, pois o desejo do cristianismo é precisamente a "espiritualização" (I/D) do corpo (D), metaforizada à exaustão na "sublimação" da cal, da tela e da pedra,

como atesta o incomensurável acervo da arte sacra que ele nos legou ([12]). Depois de todos estes malabarismos, fica aberto o lugar para que uma nova realidade advenha em I/D, o novo Estado Alemão, com Hegel, seu profeta, já lá instalado à espera para dar-lhe as boas vindas. (assim como adivinhamos dirão, maliciosamente, que estamos nós à espera do Brasil, em I/D/D, agora!).

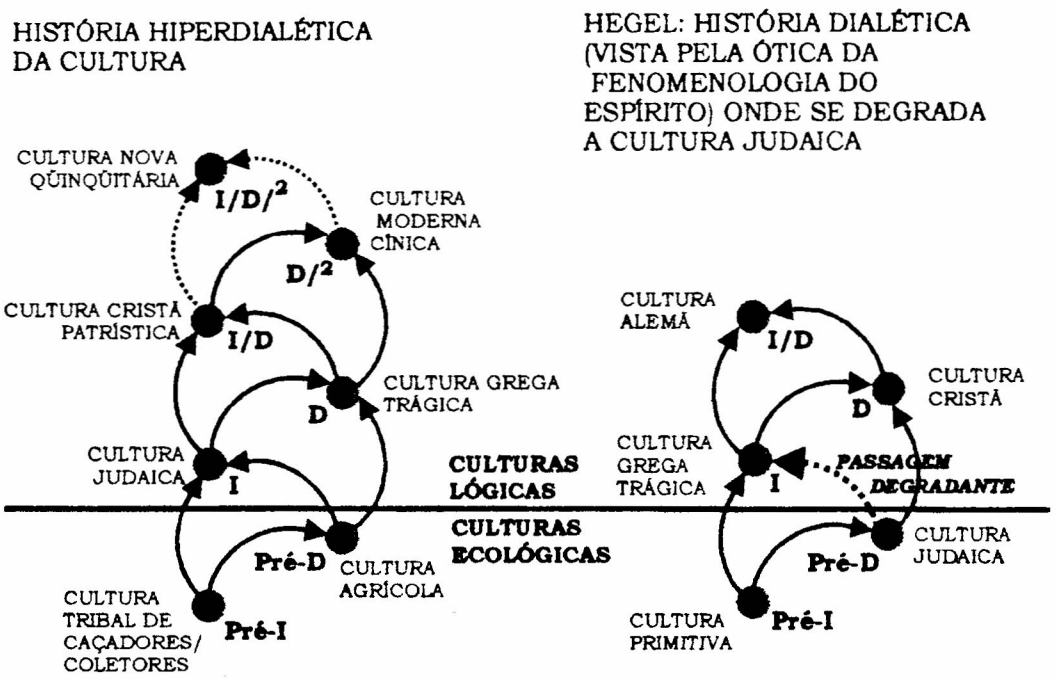

Figura 1 – **Hegel e a história da cultura**

É importante lembrar que tudo isto acontecia numa Europa já imersa em plena cultura científica moderna, governada pela lógica clássica ou da dupla diferença (D/D), fosse qual fosse a data que tomássemos para o seu nascimento. Já se iam para mais de 600 anos que morrera Abelardo, 500, que morrera São Tomás, 100, que morrera Galileu, 50, que se inaugurara a revolução industrial inglesa. Assim, só um gênio seria capaz de tais proezas: afirmar, naquela altura dos acontecimentos,

que a realidade maior fosse de nível lógico dialético (I/D) e que a cultura judaica fosse dualista (pré-D). Seria então o caso de se indagar por que seria Hegel tão cego à lógica formal (D/D) já imperante por toda parte; por que se achasse sentado sobre ela? Em outras palavras, seria ele, além de grande filósofo, um ainda maior neurótico obsessivo...?

O caso Marx é tão ou mais interessante que o anterior, a artimanha não sendo mais aquela de deformar (a lógica d)as virtudes da cultura judaica, como em Hegel, mas de simplesmente subtrai-la à "objetividade cientifica" ([13]). Deveras, tratava-se, e isto foi dito até com bastante franqueza, de colocar a filosofia de Hegel de cabeça para baixo!

Para tanto, Marx simplesmente curto-circuita a cultura judaica, e o faz por meio da identificação da cultura de base agrícola dos grandes impérios da antiguidade (Suméria, Babilônia, Assíria, Pérsia. Egito, etc. todos de nível lógico pré-D) com a cultura trágica grega (de nível lógico D), agora colocadas ambas sob a rubrica comum: **modo de produção escravistas** ([12]). Com isso, desaparece da cena histórica a cultura judaica e com ela todas as suas articulações conceituais (lógicas) e históricas com as demais culturas.

No mais, era só identificar – corretamente, diga-se de passagem – a cultura tribal de caçadores/coletores do paleolítico com comunismo primitivo, em pré-I; a cultura cristã patrística com feudalismo, na posição I/D, mas reduzindo-a a I; por fim, a cultura científica moderna com capitalismo, na posição D/D, mas reduzindo-a a D. Fica ainda o espaço suficiente para a conclusão do processo histórico através do advento do comunismo, a sociedade sem classes, em I/D/D, mas reduzida a I/D.

O mais importante é que com a escamoteação da cultura judaica, apagam-se completamente as marcas da passagem das culturas ecológicas (Pré-I e, em especial,

pré-D) para as culturas propriamente lógicas (I, D, ...), e sem esta ruptura presente, a concepção ecológica (materialista, se poderia também dizer) da realidade social pode se prolongar e dominar a totalidade do processo histórico. A história da cultura se reduz com este "apagamento" a um mero processo de desenvolvimento das forças produtivas materiais.

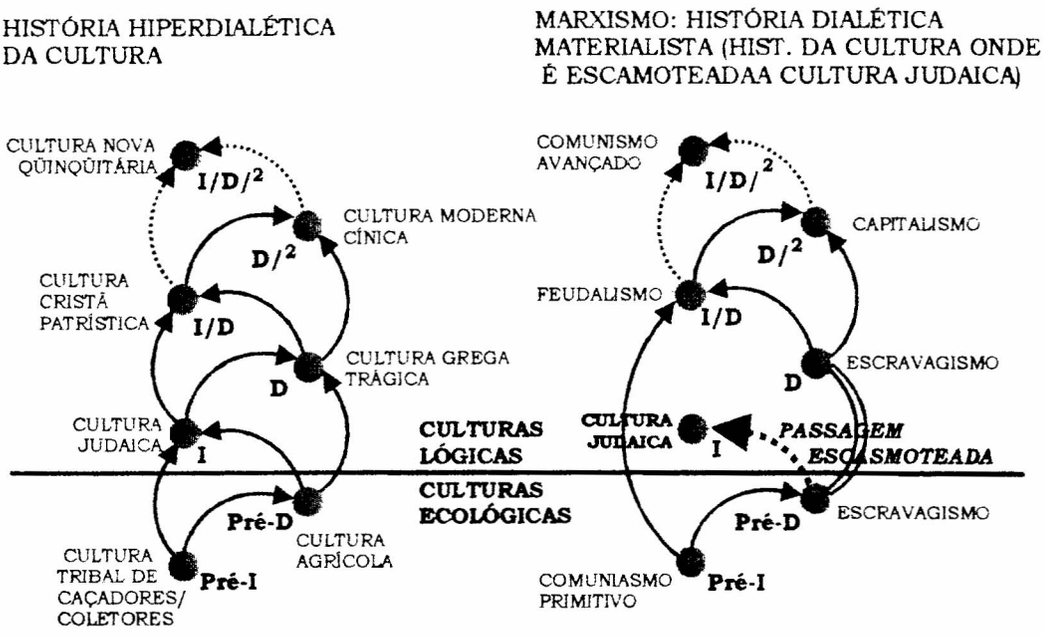

Figura 2 – **Marx e a história da cultura**

Não nos pode, portanto, causar nenhum espanto que Marx acreditasse estar colocando o mundo filosófico de cabeça para cima, tomando a infra-estrutura material (ecológica ou econômica) da sociedade como determinante, toda a produção lógico/simbólica se reduzindo a mera super-estrutura determinada ([14]). Pela simples contemplação da figura 2, verifica-se como ele pode deveras realizar toda esta mirabolante deformação histórica.

E com isso ficamos nós sem nada saber de como foi possível a Marx, dis-pensador da cultura judaica, chegar afinal onde chegou...

Ao contrário de Hegel, que embora dialético (I/D) não conseguia se desembaraçar de sua neurose obsessiva (D/D), ficando assim obrigado a escrever, de cabo a rabo, sempre o mesmo livro (o mesmo sistema), Marx, também dialético (I/D), podia harmoniosamente conviver com a sua histeria (I/D), escrevendo prefácios, notas introdutórias até posfácios, sem precisar acabar os seus.

Notas

1. SAMPAIO, L. S. C. de. *Noções de Antropo-logia.* Rio de Janeiro, UAB, 1996
2. SAMPAIO, L. S. C. de. *Re-significação cósmica do homem e do processo de sua auto-realização cultura.* Rio de Janeiro, setembro de 1999.
3. TOYNBEE, A. *Estudio de la Historia,* 3 v. Madrid, Alianza, 1981.
4. TILLICH, Paul. *Théologie de la Culture.* Paris, Denoël/ Gonthier, 1968, p. 41. Ver, especialmente, o capítulo III, *La Lutte entre le Temps et l'Espace* e também a coletânea póstuma *Main Works - Writings in the Philosophy of Culture,* ed. M. Palmer, v.2 Berlin, De Gruyter, 1990.
5. CASSRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem – Introdução a uma filosofia da cultura humana.* S. Paulo, Martins Fontes, 1997
6. TILLICH, Paul. *Théologie de la Culture. op. cit.* p. 41
7. *Ibid.* p. 49.
8. SAMPAIO, L. S. C. de. *Re-significação cósmica do homem e do processo de sua auto-realização cultura. op. cit.*
9. A compreensão disto está na reação da intelectualidade alemã à migração judaica, principalmente de famílias de banqueiros, para Frankfurt por volta de 1800, episódio este que acabou sendo, talvez, o principal indutor do processo de modernização da Alemanha. Ver, a propósito, SACHAR, Howard M. *The Course of Modern Jewish History.* N. York, Delta Book, 1977;

BOURGEOIS, Bernard. *Hegel à Frankfort.* Paris, J. Vrin, 1970 e SAMPAIO, L. S. C. de. *Desejo, fingimento e superação na história da cultura*, Rio de janeiro, 1998.

10. HEGEL, G. W. F. *Introdução à história da filisofia*, in *Os Pensadores*, v. XXX, S. Paulo, Abril, 1974 e também *Lecciones sobre la filosofia de la historia universal.* Madrid, Alianza, 1982.
11. SAMPAIO, *Desejo, fingimento e superação na história da cultura, op. cit.*
12. Isto tornou-se verossímil porque as culturas lógico-diferenciais foram as inventoras do trabalho (que pressupõe o colocar-se como outro da natureza) e, por conseqüência, da sua exploração. Houve escravidão nas culturas pré-D, D e até no início de D/D (quando não se tinha ainda definitivamente explicitado e fixado o seu sujeito apropriado, o sujeito liberal)
13. MARX, K. *A Questão Judaica.* Rio, Achiamé, s/d. Ver também , para comparação, ARENDT, Hannah. *L'"Aufklärung" et la question juive* e SARTRE, J-P., *La Question juive.*(?)
14. Um exame mais cuidadoso do embasamento teórico do pensamento de Marx pode mostrar que seu "economicismo" não era assim tão radical como em geral se o considera. Ver, D'AMICO, Robert. *Marx and the Philosophy of Culture.* London, 1994.

Luiz Sergio Coelho de Sampaio
Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1999